

## DESLOCAMENTOS LGBTQI+ NA/PARA A REGIÃO METROPOLITANA DA GRANDE VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO, BRASIL

### LGBTQI+ DISPLACEMENTS IN/TO THE METROPOLITAN REGION OF GREATER VITÓRIA, STATE OF ESPÍRITO SANTO, BRAZIL

### DESPLAZAMIENTOS LGBTQI+ EN/PARA LA REGIÓN METROPOLITANA DE GRAN VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, BRASIL

*Matheus de Oliveira Fernandes Adão<sup>1</sup>*

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Brasil

**Resumo:** O objetivo deste trabalho foi compreender um pouco das dinâmicas do deslocamento de jovens estudantes universitários LGBTQI+ (vindos do interior do Estado do Espírito Santo, Brasil, e também de outros estados) buscando conhecer os significados que essas pessoas atribuem aos novos lugares que passam a incorporar às suas vivências na Região Metropolitana da Grande Vitória. Foram elaborados mapas de fluxos que mostram de quais cidades vêm os respondentes da pesquisa e nuvens de palavras com os nomes dos lugares onde essas pessoas dizem se sentir mais seguras, mais livres, mais alegres e mais amedrontadas. Mais da metade das pessoas respondentes do questionário afirmam que a orientação sexual e/ou identidade de gênero foi um fator influenciador na escolha por estudar fora, e 84,4% afirmam já terem sido vítimas de violências de cunho LGBTfóbico na cidade de origem. Percebe-se que locais majoritariamente frequentados por pessoas heterossexuais estão atrelados a sensação de medo.

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidade; LGBT; Deslocamentos; Espaço.

**Abstract:** The aim of this paper was to understand a little of the dynamics of the displacement of young LGBTQI+ university students (coming from the interior of the state of Espírito Santo, Brazil, and also from other states) seeking to know the meanings that these people attribute to the new places that they begin to incorporate into their experiences in the Greater Vitória Metropolitan Region. Flow maps that show from which cities the survey respondents come and clouds of words with the names of the places where these people say they feel safer, freer, happier and more frightened were elaborated. More than half of the survey respondents say sexual orientation and/or gender identity was an influential factor in choosing to study abroad, and 84.4% say they have been victims of LGBTphobic violence in their home town. It is noticeable that places mostly frequented by heterosexual people are linked to a feeling of fear.

**Keywords:** Gender; Sexuality; LGBT; Displacement; Space.

**Resumen:** El objetivo de este trabajo fue comprender un poco la dinámica del desplazamiento de jóvenes universitarios LGBTQI+ (provenientes del interior del estado de Espírito Santo, Brasil, y también de otros estados) buscando conocer los significados que estas personas atribuyen a los nuevos lugares que empiezan a incorporar a sus experiencias en la Región Metropolitana de la Gran Vitória. Se elaboraron mapas de flujo que muestran de qué ciudades provienen los encuestados y nubes de palabras con los nombres de los lugares donde estas personas dicen sentirse más seguras, más libres, más felices y más asustadas. Más de la mitad de los que respondieron al cuestionario dijeron que la orientación sexual y/o la identidad de género era un factor influyente en la decisión de estudiar en el extranjero, y el 84,4% dijo que había sido víctima de violencia con fobia a los homosexuales, lesbianas, bisexuales y transexuales en su ciudad natal. Es notable que los lugares más frecuentados por personas heterossexuales están vinculados a una sensación de miedo.

**Palabras Clave:** Género; Sexualidad; LGBT; Desplazamientos; Espacio.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduando em Geografia, Pesquisador voluntário de iniciação científica (PIVIC), sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gisele Girardi. E-mail: 97.mfernandes@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma síntese dos resultados obtidos através do projeto de Iniciação Científica denominado *Mapeando sentimentos: uma cartografia dos lugares dos estudantes LGBT da UFES vindos do interior* (ADÃO, 2019), que teve como objetivo compreender as dinâmicas do deslocamento de jovens estudantes LGBTQI+ que vem do interior do Estado do Espírito Santo e também de outros estados, buscando conhecer os significados que essas pessoas dão aos novos lugares que passam a incorporar às suas vivências dentro da Região Metropolitana da Grande Vitória. Entende-se *lugar* pela ótica de Doreen Massey, com a sua construção se dando “a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num *locus* particular” (2000, p. 184). Entende-se também que um dos elementos na produção do espaço e das espacialidades é o mapa (GIRARDI, 2014), utilizado aqui de forma a demonstrar os fluxos das pessoas deste nicho social – de onde elas vêm e onde residem, na Grande Vitória.

Pessoas LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, *Queer* e Intersexuais) por vezes escolhem estudar fora da sua cidade de origem. Viver essas identidades que divergem da heteronormatividade pode ser um processo exaustivo para quem mora em cidades pequenas, onde esses modos de performatividade de gênero e sexualidade são muito mais vigiados e regulados, cerceados “por um elemento que a maioria dos moradores desse tipo de lugar conhece: todos sabem da vida de todo mundo” (SANTOS e TEIXEIRA FILHO, 2010, p. 5). Performatividade de gênero é uma teoria proposta pela filósofa Judith Butler em diversas de suas obras, entre elas seu texto mais difundido e conhecido *Gender Trouble* (1990) traduzido e publicado no Brasil sob o título *Problemas de Gênero* (2003) e *Bodies That Matter* (1993) publicado no Brasil apenas em 2019 sob o título *Corpos Que Importam*.

Em *Bodies that matter*, Butler retomou de maneira esclarecedora o conceito de performatividade e o desassociou da idéia voluntarista de representar um “papel de gênero”, construindo para si um corpo que expresse e marque uma condição de escolha do sujeito que adota uma identidade. Ao contrário, ela demonstrou que a performatividade se baseia na reiteração de normas que são anteriores ao agente e que, sendo permanentemente reiteradas, materializam aquilo que nomeiam. Assim, as normas reguladoras do sexo são performativas no sentido de reiterarem práticas já reguladas, materializando-se nos corpos, marcando o

sexo, exigindo práticas mediante as quais se produz uma “generificação”. Não se trata, portanto, de uma escolha, mas de uma coibição, ainda que esta não se faça sentir como tal. Daí seu efeito a-histórico, que faz desse conjunto de imposições algo aparentemente ‘natural’. (MISKOLCI e PELÚCIO, 2007, p. 260)

Dessa forma, busca-se aqui desenvolver um estudo de caráter *queer*, de forma a levar em consideração essas linhas de fuga do heteronormativo, que compõem movimentos de diversidade. Segundo Joseli Maria Silva, se baseando na obra de Judith Butler,

O pensamento acadêmico *queer* foi desenvolvido a partir de uma contestação ao movimento social homossexual norte-americano de caráter conservador que privilegiava a representação do homem branco, homossexual, de classe média alta e excluía a diversidade presente no movimento de luta pela liberdade sexual, também composto por não brancos, travestis, lésbicas e transexuais, etc. Os pensadores *queer* comungam as idéias que a heteronormatividade e as hierarquias sexuais precisam ser questionadas, a fim de que outras realidades sejam visíveis, e também, que não há linearidade entre sexo, gênero e desejo, pois as identidades instituídas de ilimitadas configurações entre estes elementos estão em permanente transformação e sempre abertas ao novo (SILVA, 2008, p. 5-6).

Hutta e Balzer relatam sobre a indignação de uma ativista trans quanto a forma como alguns ativistas *gays* utilizavam “o termo ‘homofobia’, o que, no ponto de vista dela, não contemplava as questões que ela enfrentava como uma pessoa trans” (2013, p. 327). Os autores afirmam que

em seus relatórios de pesquisa, os autores tendem a subsumir experiências trans sob o rótulo de orientação sexual, contribuindo para o discurso predominante sobre a homofobia. A inclusão das experiências trans nos casos de violência tem aumentado a taxa geral. Se fossem considerados apenas os casos de violência contra *gays*, lésbicas e bissexuais, certamente as taxas seriam menos expressivas. Mesmo considerando o grande peso da violência contra pessoas trans, as reivindicações e a visibilidade desse grupo acabam sendo mascaradas pelo genérico termo da homofobia (HUTTA e BALZER, 2013, p 328).

Dessa forma, ao referir-se às violências sofridas por pessoas LGBTQI+ utilizar-se-á o termo *LGBTfobia*. A importância do seu uso surge através da necessidade de não reduzir essas violências ao termo ‘homofobia’, cunhado na psicologia e utilizado “quase que exclusivamente em referência a conjuntos de emoções negativas (tais como aversão,

desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a pessoas homossexuais ou assim identificadas” (JUNQUEIRA, 2007, p.4).

Assim, pretende-se aqui relatar e problematizar uma pequena parte das percepções e leituras do espaço que essas pessoas produzem ao se deslocar para estudar na UFES dos campi da cidade de Vitória (campus Goiabeiras e campus Maruípe), a partir de duas análises principais: fatores que motivaram essa migração e percepções a respeito dos locais que passam a incorporar às suas vivências.

## 2. OPÇÕES METODOLÓGICAS

Com o auxílio da professora orientadora, de colegas e amigos que se sentem contemplados pela sigla LGBTQI+, e do Conselho Estadual LGBT da Secretaria de Estado de Direitos Humanos - ES, um questionário foi concebido, sendo aplicado entre os meses de abril e maio de 2019 através da ferramenta online *Google Formulários*. Foram coletadas 85 respostas, sendo 64 validadas. As 21 não validadas não se encaixavam nos critérios preestabelecidos metodologicamente, a fim de refinar os dados obtidos. Esses critérios eram: pessoas LGBTQI+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, *queer*, intersexuais e quaisquer outras orientações sexuais e identidades de gênero que se identifiquem com a sigla); entre 15 e 29 anos, de acordo com o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013); residentes na Região Metropolitana da Grande Vitória (a partir daquela referida pelo acrônimo RMGV; Figura 1); de origem em outros estados ou municípios fora dos 4 principais municípios de maior inserção na malha urbana da RMGV (Vitória, Serra, Vila Velha e Cariacica). Os municípios de Fundão, Guarapari e Viana foram considerados para a análise devido a sua extensa área rural, além de serem pouco atendidos pelo sistema de transporte coletivo metropolitano, e também pelo fato de que as pessoas provenientes desses municípios permanecem em residências próximas a UFES por grandes extensões de tempo (semanas ou meses), configurando situação de moradia. O questionário possuía o objetivo de conhecer as experiências dessas pessoas dentro da Região Metropolitana da Grande Vitória, suas formas de se divertir, e sua experiência dentro da universidade, além de compreender aspectos referentes a LGBTfobia. Durante a sua construção pensou-se em alguma forma de encurtar os títulos das seções de perguntas e tornar o formulário o mais simplificado e intuitivo possível, de forma a atrair

um número possivelmente maior de respondentes, e por isso optou-se pela utilização do termo LGBTfobia. Ao utilizar esse termo não se busca generalizar a violência contra lésbicas (lesbofobia), contra pessoas trans e travestis (transfobia), contra bissexuais (bifobia) ou contra homossexuais (homofobia), muito menos ignorar suas particularidades.

Outro objetivo do questionário era conhecer as motivações que levaram essas pessoas a escolher estudar fora dos seus municípios de origem e como elas relacionam esse fato com a própria sexualidade. Utilizou-se a técnica de amostragem conhecida como *bola de neve*, que consiste na seguinte mecânica: o entrevistador pede que o entrevistado indique a pesquisa para outros respondentes que se encaixem no perfil preestabelecido, e assim sucessivamente. Essa técnica tem como objetivo ampliar a amostra, extrapolando o universo de contato do próprio pesquisador (CARLOMAGNO, 2018). A distribuição do questionário foi realizada utilizando algumas das redes sociais mais conhecidas (*Facebook, Instagram, Twitter e Whatsapp*).

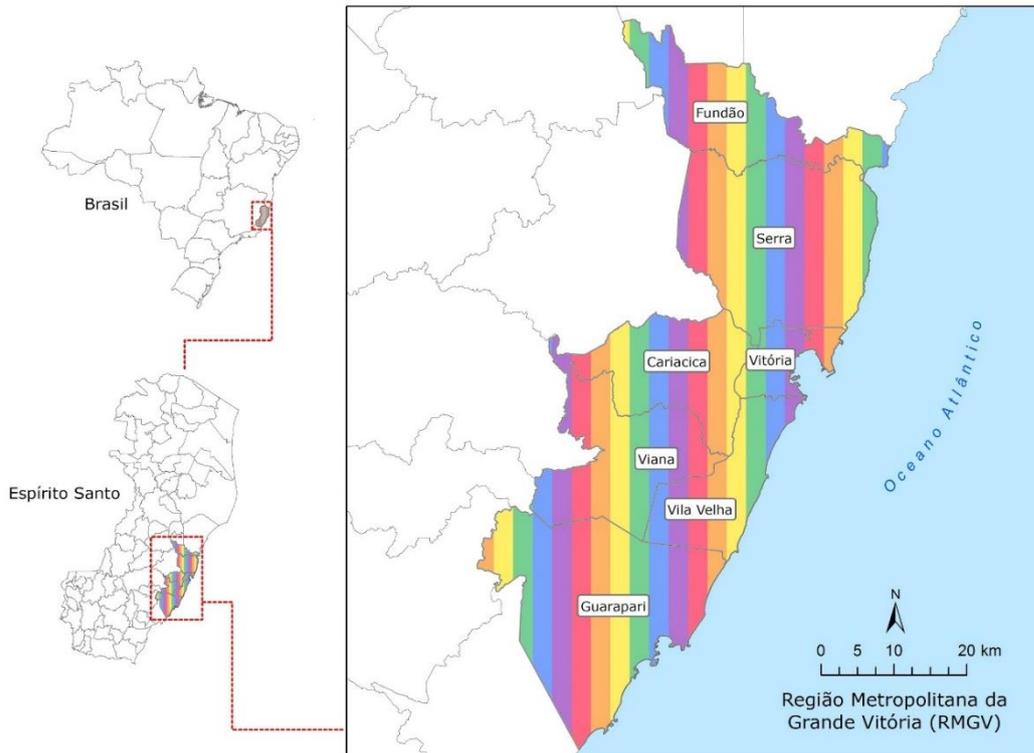
O processamento dos dados foi realizado através do software *Microsoft Office Excel*. Para a produção de nuvens de palavras, utilizou-se a extensão *Pro Word Cloud*, disponível de forma gratuita pelo software *Microsoft Office Word*. Os mapas foram concebidos através do software *ArcGis 10*, utilizando base cartográfica disponibilizada gratuitamente pelo portal online do Instituto Jones dos Santos Neves<sup>2</sup> e da Prefeitura de Vitória<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> [www.ijsn.es.gov.br/mapas/](http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/)

<sup>3</sup> <http://geoweb.vitoria.es.gov.br/>

Figura 1 - Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as 64 pessoas respondentes do questionário, apenas 3 não se identificaram como cisgênero, termo que designa as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento, de forma que transgênero é a pessoa que não se identifica com esse gênero designado (JESUS, 2014). Uma pessoa se identificou como “não-binário” e uma como “homem transgênero”. O fato de apenas dois dos respondentes do questionário não se identificarem como cisgênero pode estar ligado às intempéries metodológicas presentes em pesquisas num geral, mas também se conecta intrinsecamente às intempéries vividas principalmente pelos indivíduos que compõem o T da sigla (travestis, transgêneros, transexuais), os quais são restringidos do direito à educação muito cedo, que concebem a escola como “local de sofrimento, de violência e ataque cotidiano à sua autoestima, abortando suas possibilidades de conquistas materiais e sociais futuras” (SILVA, 2009, p. 137).

De forma a compreender melhor as razões que levam o público LGBTQI+ a realizar a migração da sua cidade de origem para os municípios da RMGV, foi perguntado: “Sua orientação sexual/identidade de gênero foi um fator que influenciou na sua escolha em estudar fora da cidade onde nasceu?”, onde 34 pessoas afirmaram que sim, a orientação sexual foi um dos fatores influenciadores.

Solicitou-se a seguir que a pessoa respondente citasse a maneira como ela relacionaria a escolha por estudar fora da sua cidade de origem com a sua sexualidade/orientação sexual (a pergunta era: “De que forma você relacionaria a sua escolha por estudar fora da sua cidade de origem com a sua sexualidade?”). Essa pergunta foi respondida por 42 pessoas, independente de terem respondido sim ou não na questão anterior. A palavra *liberdade* aparece em 12 respostas, enquanto “me expressar” aparece em 6. As respostas num geral citam a possibilidade de viver sua identidade sem o medo dos julgamentos de parentes e conhecidos, o que é justificado pelo fato do conservadorismo ser maior em pequenas cidades. Uma delas cita “Porque aqui em Vitória, ninguém vigia as coisas que estou fazendo. Em outras palavras, me sinto livre!”. O fator “todos sabem da vida de todo mundo” (SANTOS e TEIXEIRA FILHO, 2010, p. 5) é um dos principais agentes da vigilância nas cidades interioranas, impedindo a expressão dos desejos e identidades que distorçam a heteronormatividade impositiva do dispositivo de sexualidade, produtor e regulador de modos de viver (FOUCAULT, 1988). As cidades quando maiores acabam por se tornar culturalmente mais diversas, tornando as expressões não-heterossexuais-cisnormativas “mais algumas entre tantas possíveis” (COSTA, 2008, p. 386). 81% das pessoas entrevistadas afirmam não se sentirem livres para expressar em público a sua orientação sexual no seu município de origem. Na pergunta “Você já foi vítima de LGBTfobia no seu município de origem?”, 47 pessoas (73,4% de um total de 64) afirmam que sim.

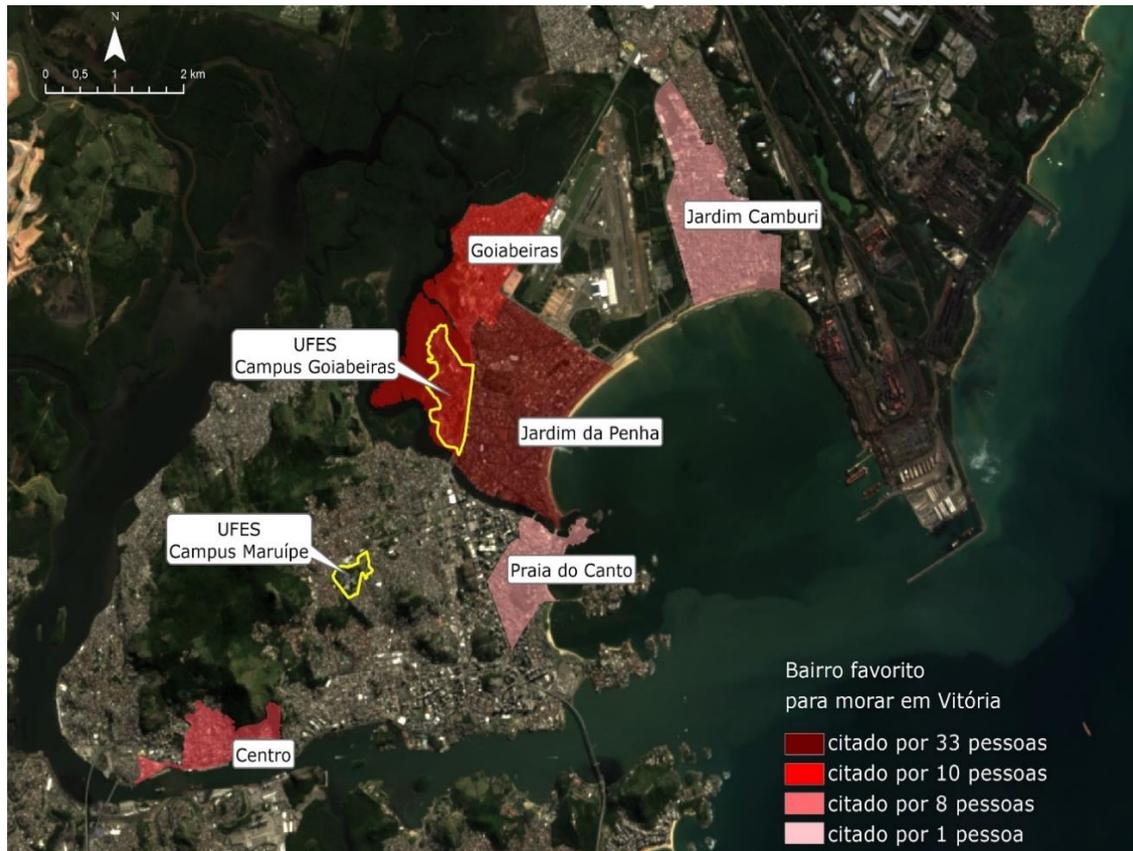
Algumas pessoas também revelam que a orientação sexual não era um fator ao qual se dava muita importância no momento da escolha, ou então ainda não haviam se descoberto fora da matriz heteronormativa, mas que nos dias de hoje percebem a importância de terem se deslocado e as contribuições para seu crescimento pessoal e para entender melhor a própria sexualidade. Uma das falas diz “Só me entendi bissexual depois, então não foi um fator que influenciou na escolha. Mas hoje fico aliviada de não

estudar na minha cidade de origem”. É citado o processo de transição, por vezes vivido por pessoas não de acordo com a cisgeneridade, onde “passar por ele [o processo de transição] na cidade onde todos te conheceram antes de se aceitar trans é mais complicado. Se afastar é a opção”.

Também foi perguntado “Na sua concepção, qual o melhor bairro da Grande Vitória para se morar? Por qual motivo?”. O bairro Jardim da Penha (Figura 2) foi citado 33 vezes, o que pode ser justificado principalmente pela sua proximidade com o campus de Goiabeiras da UFES, que oferece a maior parte dos cursos da universidade. Citados em 10 respostas aparecem alguns bairros da região da Grande Goiabeiras (Goiabeiras, Maria Ortiz e Antônio Honório), principalmente pelo valor mais baixo dos aluguéis e pela sensação de “aconchego” que esses lugares trazem. Diferente de Jardim da Penha, que é um bairro majoritariamente verticalizado, os bairros da região de Goiabeiras são compostos principalmente por casas e edifícios não muito maiores do que três andares. O terceiro mais citado, aparecendo 8 vezes, é o Centro de Vitória, citado pelas suas atividades culturais.

Analisando o mapa de fluxos de pessoas de outros estados, percebe-se um grande fluxo de pessoas vindas de Minas Gerais para estudar na UFES (Figura 3), mesmo de cidades que possuem suas próprias universidades federais, como Ouro Preto e Viçosa. Dos fluxos dentro do Espírito Santo (Figura 4), observa-se que a maior parte vem de municípios mais ao sul do estado. É válido citar que a UFES possui mais dois campi, um no município de Alegre, ao sul do estado, e outro ao norte, no município de São Mateus. A preferência pelos campi de Vitória pode estar associada tanto a maior quantidade e variedade de cursos oferecidos pelos campi, como também pela experiência de sair do interior para viver na região metropolitana.

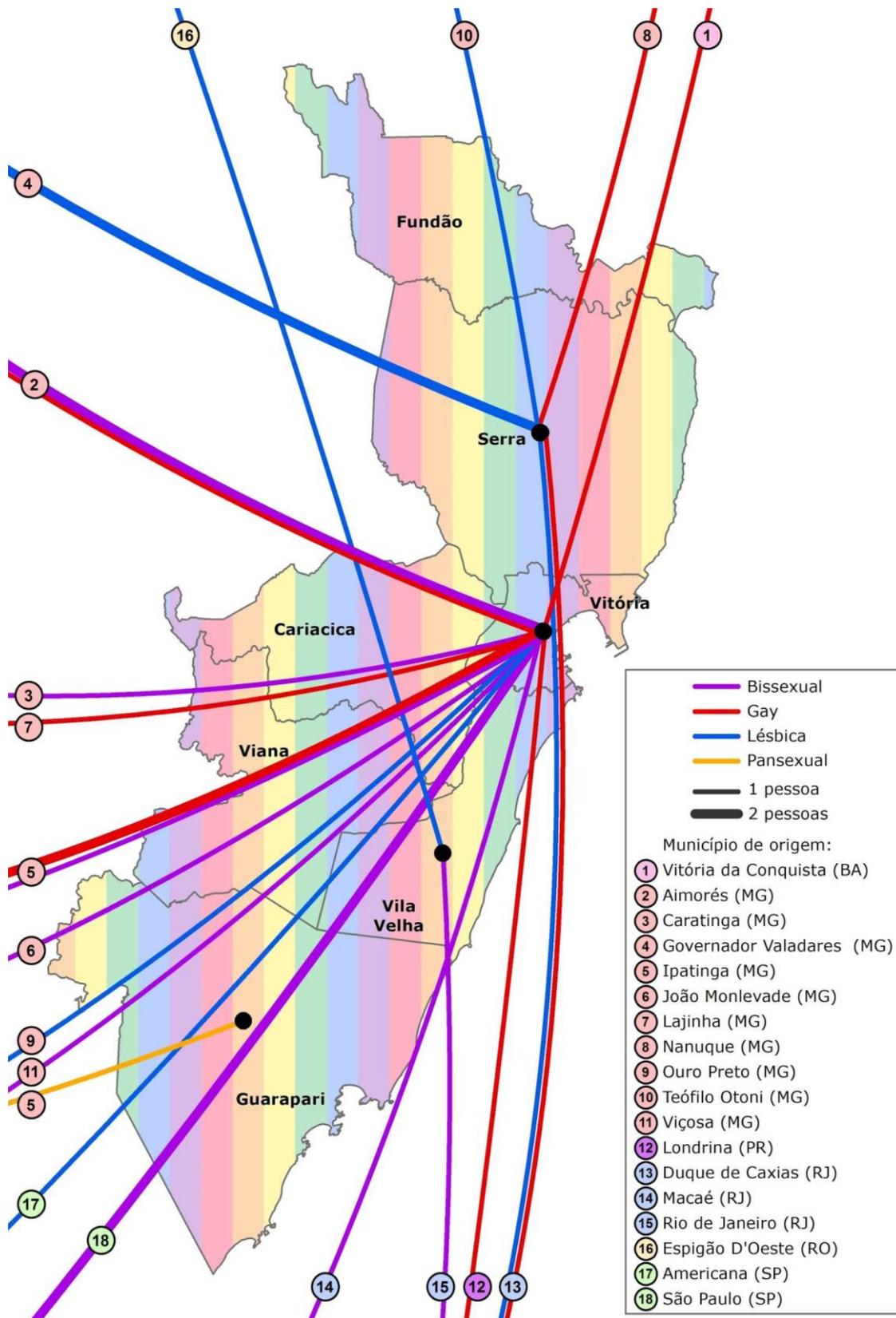
Figura 2 - Bairros citados como favoritos para morar em Vitória



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Ao observar as nuvens de palavras produzidas, nota-se a que a palavra “UFES” aparece em destaque, relacionada a sentimentos de alegria (Figura 5), liberdade (Figura 6) e segurança (Figura 7). O espaço da universidade é um ambiente que promove integração entre pessoas distintas, de diversas áreas, o que contribui para reforçar essas sensações. Da mesma forma, “Rua da Lama” aparece em destaque ao remeter a sentimentos de alegria e liberdade. Ambiente de confraternização conhecido pela juventude capixaba, a Rua da Lama é mais um desses ambientes plurais, sendo um lugar que faz parte da cultura dos universitários da UFES já há algumas décadas (PANDOLFI; CALIMAN; VASCONCELLOS, 2009). Além de concentrar bares dos mais variados gostos, conta ainda com a presença de uma das casas noturnas mais frequentadas por pessoas LGBT da Grande Vitória – o espaço *Bolt*. Essas pessoas acabam por territorializar esses espaços, entendidos aqui sendo espaços de encontro de trajetórias distintas e coexistentes, de heterogeneidade (MASSEY, 2008), criando redes de conexões e afetividades. 91% dos entrevistados afirmam que o fato de um lugar ser regularmente





Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Figura 5 - Nuvem de palavras: Lugares que transmitem alegria



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Figura 6 - Nuvem de palavras: Lugares que transmitem liberdade



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Figura 7 - Nuvem de palavras: Lugares que transmitem segurança



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Território envolve “ordem de subjetividade individual e coletiva”, dando a determinados grupos a possibilidade de manifestarem articulações territoriais de resistência (HAESBAERT, 2009, p. 13). A UFES nesse sentido é entendida tanto como território concreto - o espaço físico em si, como também como simbólico - no sentido da promoção da pluralidade. Compreender o processo de territorialização é compreender as formas pelas quais esses indivíduos (pessoas LGBTs) se identificam com esse grupo (comunidade LGBT) entendendo como inscrevem suas vivências e sua história sobre o espaço, de forma a compreender espaço como uma entidade em constante e infinita construção, principalmente por este se apresentar como produto dessas inter-relações (MASSEY, 2008). Ao se perguntar se já sofreram esse tipo de violência de cunho LGBTfóbico dentro da UFES, 54 (84,4% de um total de 64) pessoas afirma que *não*, reforçando a característica de protetora atribuída a esse espaço.

Percebe-se que locais que geram a sensação de medo (Figura 8) estão normalmente atrelados àqueles majoritariamente frequentados por pessoas heterossexuais. Baladas hétero, Triângulo [das Bermudas] e “Bebs [Bar] aparecem em destaque. São *points* da boemia capixaba que se mostram como ambientes hostis a grupos LGBT, e costumam ser evitados. “Ruas” aparece em destaque também, podendo estar relacionado à própria violência urbana noticiada pela mídia<sup>4</sup>, que também abarca as violências de cunho LGBTfóbico. Pouco mais da metade das respondentes se identificam como mulheres, onde o medo das violências de gênero se estabelece de formas mais avassaladoras. O medo de possíveis violências regula e dociliza os corpos, tornando suas performances mais adequadas às normas sociais (CASSAL, 2013) limitando suas experiências do viver/fazer a cidade. 52 pessoas deixariam de frequentar um local por saber que ali alguém já foi vítima de LGBTfobia, 11 responderam que talvez. 57 pessoas afirmam já terem deixado de frequentar um local por saber que ali alguém já foi vítima de LGBTfobia.

---

<sup>4</sup> <https://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/08/2019/atlas-da-violencia-vitoria-e-a-segunda-capital-com-maior-taxa-de-homicidios-do-sudeste>

Figura 8 - Lugares que transmitem medo



Fonte: Elaborado pelo autor.

É importante destacar que esse medo de viver a cidade tem base em fatídicos acontecimentos de cunho transfóbico, lesbofóbico e homofóbico que vão além da violência simbólica. O Brasil é o país que mais mata e que mais matou pessoas trans nos últimos 10 anos<sup>5</sup>. Entre 2017 e 2019, só no Espírito Santo, foram 17 assassinatos, número declaradamente subnotificado. São exemplos dessas estatísticas casos de violência contra pessoas LGBTQI+, como o de uma jovem de 28 anos brutalmente violentada e assassinada no município de Serra em 2019, em que a mãe relaciona a violência sexual sofrida pela filha ao fato dela ser lésbica.<sup>6</sup> Ou como o de um homem homossexual covardemente espancado no em um terminal rodoviário da Grande Vitória, também em 2019, em que o agressor alegou que a vítima o estava observando, utilizou de agressões verbais e consumou a discriminação com a violência física<sup>7</sup>. A repressão real que espanca, que estupra, que mata, é esta a violência que apavora lésbicas, transsexuais, travestis, gays e quaisquer pessoas que fujam das normas do padrão hetero-cis-normativo.

<sup>5</sup> <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/29/em-2019-124-pessoas-trans-foram-assassinadas-no-brasil>

<sup>6</sup> <https://www.agazeta.com.br/es/policia/morta-com-cinco-tiros-amarrada-e-estuprada-caso-maikelly-segue-sem-solucao-0220>

<sup>7</sup> <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2019/02/14/homem-e-espancado-em-terminal-de-onibus-do-es-mae-fala-em-homofobia.ghtml>

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se deslocar para outro município e viver experiências novas, longe da família e dos conhecidos, é uma linha de fuga de lugares que reprimem a expressão das performatividades não consoantes com o heteronormativo. Apesar disso, o sentimento bucólico provocado por bairros que se assemelham aos locais de origem, cidades pequenas e de interior em sua maioria, é um fator presente em algumas das respostas. Se tem saudade da sensação cidade pequena em paradoxo ao alívio por não mais pertencer integralmente a esse espaço.

A estruturação e conurbação da cidade em escala média, onde os ambientes são densamente mais ocupados e frequentados, contribui no desdobramento do sentimento de liberdade. Em Vitória se tem a sensação de que os olhos vigiam menos, apesar do caráter permanente e ininterrupto da vigilância (FOUCAULT, 1996). Essa vigilância, vista por outro lado, é relativa àquela proporcionada pelos conhecidos e familiares no município de origem, não se buscando evitar qualquer tipo de segurança, mas essa em específico.

Ao relacionar o sentimento de segurança com a Ufes e a própria casa, pode-se traçar uma margem entre o sentimento de hospitalidade transmitido pelo espaço tanto físico quanto simbólico que a universidade representa na vida dessas pessoas. Ao mesmo tempo, as sensações de medo a aqueles espaços que remetem às pessoas heterossexuais é unânime. O dispositivo de sexualidade produz contínuos investimentos para suportar a ordem heterossexual (CASSAL, 2013). Nesse sentido, as performances de gênero e sexualidade que assumem um caráter *queer* se des-re-territorializam a todo momento de forma a produzir espaços heterogêneos, inter-relacionados, subversivos a essa ordem imposta. Esse processo de territorialização é caracterizado como um conjunto de formas diversas de construção e apropriação do espaço social (HAESBAERT, 2009), de forma que “todo grupo se define essencialmente pelas ligações que estabelece no tempo, tecendo seus laços de identidade na história e no espaço, apropriando-se de um território (concreto e/ou simbólico), onde se distribuem os marcos que orientam suas práticas sociais” (HAESBAERT, 2009, p. 93). Compreender as formas pelas quais pessoas *queer* se territorializam e produzem espaço é de grande importância e valor social para criar ferramentas que possibilitem cada vez mais o rompimento do dispositivo de sexualidade.

## 5. REFERÊNCIAS

ADÃO, Matheus de Oliveira Fernandes. Mapeando sentimentos: uma cartografia dos lugares dos estudantes LGBT da UFES vindos do interior. In: *Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES*. Volume 10. Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. PRPPG. Vitória, ES. 2019.

BRASIL. *Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude*. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter: On the discursive limits of “sex”*. New York & London: Routledge. 1993.

\_\_\_\_\_. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York & London: Routledge, 1990.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARLOMAGNO, Márcio Cunha. Conduzindo pesquisas com questionários online: Uma Introdução as Questões Metodológicas. In: SILVA, Tarcízio; buckstegge, Jaqueline; ROGEDO, Pedro (org). *Estudando cultura e comunicação com mídias sociais*. Brasília, 2018. *Estudando Cultura e Comunicação com Mídias Sociais*, p. 31-55. 2018

CASSAL, Luan Carpes Barros. Homofobia e cartografia: marcas do medo na Avenida Paulista. *Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 39, p .119-132, jan-abr 2013.

COSTA, Benhur Pinós da. Reflexões sobre geografia e homoerotismo: representações e territorialidades. In: SERPA, Angelo (org). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 355-390.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GIRARDI, Gisele. Funções de mapas e espacialidades: elementos para modificação da cultura cartográfica na formação em Geografia. RBC. *Revista Brasileira de Cartografia* (Online), v. 66, p. 861-876, 2014.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios alternativos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. 186 p.

HUTTA, Jan Simon; BALZER, Carsten. Identidades e cidadania em construção: historização do 'T' nas políticas de antiviolença LGBT no Brasil *Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços*. Ponta Grossa: *Todapalavra*, p. 311-338, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos. Brasília: *Publicação online*, abr. 2012. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTAÇÕES\\_POPULAÇÃO\\_TRANS.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf)

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: Limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Revista Bagoas: Estudos Gays: Gênero e Sexualidades*, v.1, n.1, p. 1-22, 2007.

MASSEY, Doreen. *Proposições iniciais*. Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

\_\_\_\_\_. *Um sentido global do lugar*. In: ARANTES, Antonio Augusto (org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 176 – 185.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Fora do do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. Niterói, *Revista Gênero*, v. 7, n. 2, p. 255-267, 1. sem. 2007

PANDOLFI, Ricardo; CALIMAN, Nara; VASCONCELLOS, João Gualberto. Cultura organizacional e espaços de sociabilidade urbana: o caso da rua da Lama, Vitória. *Colóquio Internacional sobre Poder Local* (11,2009: Salvador). UFBA, 2009.

SANTOS, Daniel Kerry dos; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Proposições e pistas cartográficas nos estudos de gênero e das sexualidades. Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Florianópolis, SC. *Anais Eletrônicos do Fazendo Gênero 9*, 2010.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade.: *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, p. 135-149, 2009.

Recebido em 30/03/2020.

Aceito em 19/09/2020.

Publicado em 15/10/2020.